

The Clock, 2010

Christian Marclay

Vídeo em canal único com som estéreo

Definição padrão de filmagem 1024 x 576
(proporção 16;9) 25fps

24 horas, em loop.

Michelle Sommer

No Instituto Moreira Salles, então recém-inaugurado na frenética Avenida Paulista, em São Paulo, ficou em cartaz a exposição *The Clock*, de 2010, do artista suíço-americano Christian Marclay (1955), de 20 de setembro a 19 de novembro de 2017. A exposição de uma obra só contém milhares de trechos de obras fílmicas da história do cinema que são compiladas em cortes, minuto a minuto, no tempo medido do relógio, configurando 24 horas, um dia completo.

Premiada com o Leão de Ouro na 54ª Bienal de Veneza, em 2011, a videoinstalação já foi exibida em mais de 20 lugares, incluindo o Centro Pompidou, Paris (2011), MoMa (2012) e o Guggenheim Bilbao (2014). Na premiação do Leão de Ouro, Marclay invocou Andy Warhol para agradecer ao júri a concessão a *The Clock* ‘seus 15 minutos’. Em São Paulo, *The Clock* teve também ‘seus 15 minutos’ atendendo a duas exigências do artista: a gratuidade do acesso ao trabalho e a exibição da projeção, sem interrupção, em 24 horas seguidas, realizada de sábado para domingo.

Na sala expositiva absurdamente escura onde esteve *The Clock*, sofás fantasticamente confortáveis eram organizados em fileiras e colunas com espaço em abundância para circulação. Em uma tarde quente de outubro, a exposição esteve com metade de seus lugares ocupados. Duas senhoras de idade avançada sentam-se ao meu lado. Olham

para seus *smartphones*. Olham para a projeção. Os relógios marcam 15h10min em ambas as telas. “O tempo está sincronizado?”, pergunta uma delas. “Aparentemente sim”, responde a outra, enquanto se acomodam no sofá.

Um estado hipnótico silencioso na sala é quebrado somente pelo som da videoinstalação. Para Marclay – que desde o final dos anos 70 trabalha com produtos culturais de um universo urbano e de consumo de massa – “a trilha sonora de *The Clock* contribui para a coesão do fluxo de imagens, dando a ilusão de uma continuidade. O som estende pontes entre esses fragmentos fílmicos desconexos”.¹

Na correspondência do tempo, acrescido do som, a operação é de colagem que evoca uma memória fílmica de narrativas predominantemente norte-americanas e europeias. Três anos foi o tempo que o artista se dedicou a uma disciplina de estúdio e assistência a assistentes na coleta de material em que houvesse indicação de tempo ou apenas menção a ele, nos diálogos. A partir de buscas na internet, as imagens foram compiladas sem solicitar direitos autorais. Em cortes abruptos, minuto a minuto com alguma exceção, *The Clock* contém *Pulp Fiction*, *Taxi Driver*, filmes de James Bond e Indiana Jones, Kurosawa e Woody Allen, entre uma profusão de imagens em movimento que emerge na tela como *pop-ups* conectados pelo tempo.

O tempo em *The Clock* é um presente estendido no conjunto de eventos sobrepostos: exposição, colagem de filmes com som, “presentidade”. Poética da “agoridade”, na amplitude do real do tempo, sem início nem fim, como a sequência dos dias ou como as voltas ininterruptas que se repetem como as voltas que um relógio dá. O tempo é algo familiar a todos e é justamente no amparo da familiaridade, daquilo que aproxima públicos – tão distintos quanto a diversidade de habitantes passageiros da



Christian Marclay, *The Clock*, 2010

Avenida Paulista – que se dá a escolha de *The Clock* como exposição inaugural da instituição. “Para mim, é importante trabalhar com coisas comuns, coisas que são familiares a todo mundo”,² diz o artista. Na obra, uma simultaneidade de leituras é ofertada: desde a construção conceitual da história do cinema – para deleite dos cinéfilos – à espetacularização no espaço monumental percebido como entretenimento.

À tarde somos menos sentimentais do que nas madrugadas solitárias? Diante da aceleração do tempo, com *The Clock*, a memória afetiva do nosso tempo ordinário é lançada em perspectiva: que horas almoçamos, tomamos banho, vamos à reunião, respondemos a e-mails? Estamos sempre sem tempo enquanto o tempo continua. Ele sempre continua. Mais 60 segundos, outra cena: o tempo é real. O tempo não pode ser trapaceado. Quando tomamos consciência do tempo que passa, vendo literalmente o tempo passar na tela – você sabe

exatamente que horas são. Sabe que cada minuto a mais é um minuto a menos. E permanece ali.

A expectativa é conectar narrativas, entre minutos. “Tentei encontrar conexões, associações formais e intuitivas entre todos os fragmentos dispersos, para assim criar narrativas de livre associação.”³ Você segue sentado, está em transe: produz associações, constrói sentidos, pensa em coincidências. Anseia pela meia-noite, imagina o evento das 4:07h.

Na colagem das interpretações ficcionais do tempo que se conectam para exprimir o tempo com exatidão, você não está separado da obra, você está com a obra. No *com-junto*, a vitória é da narrativa. E quem determina o tempo, ou ao menos como gastá-lo junto a uma exposição, é você.

¹ Entrevista com Christian Marclay, por Heloísa Espada. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/09/15/entrevista-com-christian-marclay/> Acesso em: 18 out. 2017.

² Idem.

³ Idem.